A minha primeira aula de filosofia e história sobre o ouro, “o metal que não se corrompe e pelo qual as pessoas se corrompem”

Em outubro de 1972 Raicho Marinov, operador de escavadora, trabalhava nos arredores de Varna, na costa búlgara do Mar Negro, quando deu com o que veio a revelar-se uma necrópole de cerca de 300 túmulos, com umas 3.000 peças de ouro e cerca de 6 quilos de metal trabalhado entre 4600 e 4200 antes da nossa era, o tesouro de ouro mais antigo de que se tem conhecimento, e 1 única dessas sepulturas, a número 43, guardava mais ouro do que todo aquele que foi encontrado no resto do mundo para essa época.

Dos 4 túmulos mais ricos de Varna, 3 não tinham corpo, eram sepulturas simbólicas com as oferendas e nada mais, e nessa imagem está a raiz do ouro. A primeira coisa que o ser humano fez com o ouro em quantidade, pelo menos no que chegou até nós, foi enterrá-lo, deixá-lo no local reservado ao que tem de durar, quase 4.000 anos antes de na Lídia se cunharem as primeiras moedas.

O ferro oxida, o bronze cobre-se de verde, a madeira apodrece e o osso desfaz-se, e o ouro sai da terra ao fim de 50 séculos com o mesmo brilho com que entrou; num mundo em que tudo o que nasce se descompõe, o ouro é o mais próximo de uma exceção que a mão humana pôde tocar, e a essa qualidade chamo permanência, o primeiro conceito desta filosofia, o valor daquilo que não muda no meio do que muda, que é o que o torna por si só apelativo e causa um interesse adicional, o facto de algo não seguir o padrão visto em tudo o resto. No Egito essa ideia foi longe: em novembro de 1922 Howard Carter encontrou o túmulo de Tutancámon, um faraó morto muito jovem por volta de 1323 antes da nossa era, e no seu sarcófago de pedra surgiram 3 caixões encaixados uns nos outros, o último, o que guardava o corpo, de ouro maciço, uns 110 quilos de metal que tinham passado mais de 3.200 anos debaixo de terra e saíram intactos, com uma máscara de ouro de mais de 10 quilos sobre o rosto da múmia; para quem o fabricou, aquele caixão tinha de acompanhar o rei depois da morte, e para essa tarefa escolheram ouro, ou seja, vemos um apego a este metal por parte daqueles que consideravam o líder e rei, já que se considerava que o melhor devia ser adornado com o melhor, além da crença de que, mesmo que o corpo do rei se descompusesse, o ouro ficaria junto ao seu cadáver sem se decompor.

O ouro deixou também a sua marca na língua, para as metáforas e para o dia a dia: o melhor de uma época é a sua idade de ouro; a literatura espanhola teve o seu século de ouro; o princípio que se coloca acima dos restantes é a regra de ouro; ao primeiro é entregue a medalha de ouro; 50 anos de casamento são as bodas de ouro e a pessoa generosa tem um coração de ouro; e nessas expressões o ouro nomeia o melhor; e, nas bodas de ouro, além disso, aquilo que resiste à passagem do tempo.

A raiz do ouro tem também uma componente sobre a física e a matéria. O ouro é dos primeiros metais que o ser humano trabalhou porque surge em estado nativo, em pepitas e na areia dos rios, sem necessidade de fogo para o separar da pedra, e é tão maleável que se pode bater até ficar mais fino do que uma folha de papel,

mas essa mesma maleabilidade tornava-o inútil para o que um povo antigo necessitava: com ouro não se caça, não se ara, não se corta madeira nem se defende uma aldeia, e o metal que a terra entregava quase pronto a trabalhar revelou-se aquele que menos servia para viver no que é fundamental para os indivíduos de uma civilização. De modo que aqui se entra num conceito maior, que é o de que o ouro tem valor por si só numa civilização onde se aplica um modelo económico de valor diferencial e de categoria, já que numa civilização centrada apenas em sobreviver, comendo, semeando, colhendo e caçando, não tem um valor superior às coisas básicas de que se nutre a vida biológica das pessoas; portanto, o ouro tem valor num sistema de hierarquia de poder ou classe, e num sistema de troca monetária, não num sistema primitivo ou de sobrevivência.

Dessa contradição de que o ouro, em termos de sobrevivência, se revela menos útil do que os recursos mais abundantes nasce o segundo conceito, a escassez do desnecessário: aquilo de que se precisa para viver abunda e vale pouco para o bruto irracional, como o ar, a água ou o pão, e aquilo de que não se precisa para viver aparece em pouca quantidade e paga-se caro como se fosse milhares de vezes mais importante do que o essencial, como se a ordem das coisas protegesse o necessário deixando-o ao alcance de qualquer um e afastasse o supérfluo para quem estiver disposto a pagar o seu preço; e o ouro é o exemplo mais acabado dessa regra: todo o ouro que foi extraído na história, umas 222.600 toneladas segundo as estimativas do setor em meados de 2026, caberia num cubo de menos de 23 metros de lado, a altura de um edifício de cerca de 7 andares. De modo que o conceito do seu valor se baseia na crença das pessoas pelas aparências e pela hierarquia sob a qual se move o sistema financeiro, não é um valor puramente racional nem muito menos da espécie humana em si, mas sim um valor assente num conceito inventado nas mentes dos indivíduos, um valor conceptual num sistema montado sobre o mundo, e não um valor real no mundo em si. E como não se degrada, quase todo esse ouro continua a existir: o que foi trabalhado no Egito, na Lídia ou em Roma não desapareceu, foi fundido uma e outra vez e mudou de forma, de joia a moeda, de moeda a lingote e de lingote a joia, de modo que um anel de hoje pode conter metal que adornou um faraó ou que pagou o resgate de um rei, e o ouro passa assim de proprietário em proprietário sem se gastar, além de que as pessoas que lidam com ele, ao entenderem o valor que possui, o cuidam até mais do que a própria vida (vaidade).

O terceiro conceito ligado aos dois anteriores vem de um dos mitos mais conhecidos sobre o ouro, o do rei Midas, que pediu que tudo o que tocasse se convertesse em ouro e conseguiu-o; quando se sentava à mesa, o pão, a comida e o vinho misturado com água transformavam-se em metal assim que tocavam as suas mãos ou a sua boca, o rei morria de fome e de sede rodeado de ouro, e para se libertar teve de se banhar na nascente do Páctolo, o rio que passava junto a Sardes, que segundo o mito passou a arrastar ouro a partir desse banho; ou seja, é um ensinamento e uma analogia fácil de entender sobre como o valor do ouro é puramente imaginário, e não verdadeiro para o humano original.

Mas o estômago enche-se, a sede acalma-se e o corpo cansa-se, mas o desejo de ouro não encontra um ponto em que diga basta, porque o ouro não se consome, acumula-se, e aquilo que se acumula não tem um limite

natural: quem tem 1 quilo quer 2 e quem tem 1 tonelada quer um reino, e desde o mito de Midas boa parte da história do ouro é a história desse anseio convertido em exércitos; e como o ouro está diretamente relacionado com as conexões e interações com mais indivíduos, pensa-se claramente que quanto mais ouro se tiver, mais estatuto, respeito e hierarquia se obtém no sistema que lhe dê um valor extremo, sejam os antigos ou o atual.

Como tal, o rio do mito de Midas é real: o Páctolo arrastava electro, uma mistura natural de ouro e prata cuja proporção variava de uma peça para outra, e com esse metal o reino da Lídia cunhou algumas das moedas mais antigas que se conhecem, até que por volta de 550 antes da nossa era o rei Creso, a partir da oficina monetária de Sardes, emitiu as primeiras de ouro com uma pureza fixa, e com elas o ouro passou a servir de medida para o valor de tudo o resto; a fortuna de Creso ainda vive na expressão coloquial "mais rico do que Creso", mas esse tesouro não o protegeu: Ciro, rei da Pérsia, invadiu a Lídia, tomou Sardes, e o ouro do homem mais rico do seu tempo passou para as mãos de quem o venceu, ou seja, a força pode conquistar o ouro tal como os restantes materiais, que não fazem parte do indivíduo (o corpo), mas sim algo externo na sua posse. A Pérsia reuniu durante 2 séculos os tributos de um império que ia do Mediterrâneo à Índia, e perdeu-os em poucos meses: entre 331 e 330 antes da nossa era, Alexandre, o Grande tomou Susa e Persépolis; segundo as crónicas antigas, em Persépolis apareceu tanto dinheiro cunhado como em Susa, e para levar o resto das suas riquezas foram precisas 10.000 parelhas de mulas e 5.000 camelos; o império que tinha ficado com o ouro de Creso entregou o seu ao conquistador seguinte.

Roma converteu esse anseio pelo ouro, ao ver como os povos morriam por ele, em política de Estado: entre os anos 101 e 106, o imperador Trajano travou 2 guerras contra a Dácia, na atual Roménia, um reino com minas de ouro nas suas montanhas, e o seu rei Decébalo, antes de cair, desviou o rio Sargetia, mandou escavar no leito, enterrou o seu tesouro, cobriu-o de pedras e terra, devolveu o rio ao seu curso e matou os prisioneiros que tinham feito o trabalho para que não o pudessem revelar; e, mesmo assim, Bicilis, do seu círculo de confiança, foi capturado e contou-o: o tesouro, que alguns historiadores situam em cerca de 165 toneladas de ouro, acabou em Roma, e a coluna de Trajano, que continua de pé no centro da cidade, relata essas guerras numa espiral de relevos. No outro extremo do império, em Las Médulas, no que é hoje a província de León, Roma passou cerca de 2 séculos a desmontar montanhas para lhes retirar o ouro: os mineiros escavam galerias na rocha, armazenavam água em depósitos no alto e soltavam-na pelos túneis até que a pressão rebentava a montanha por dentro, uma técnica a que os romanos chamaram *ruina montium*, a ruína dos montes, com a qual moveram mais de 90 milhões de metros cúbicos de material, e a paisagem avermelhada de picos partidos que deixaram ainda se vê, quase 2.000 anos depois.

Do outro lado do oceano, no que era a América antes de ser descoberta, o ouro significava outra coisa: para os incas era o suor do sol e a prata as lágrimas da lua, metais sagrados, reservados à elite, que eram oferecidos nos cumes dos Andes ou enterrados com os mortos de estatuto elevado, e naquele império o ouro era trabalhado e oferecido sem servir para pagar. A 16 de novembro de 1532, Francisco Pizarro, com menos

de 200 homens, capturou Atahualpa em Cajamarca, e o inca ofereceu pela sua liberdade encher de ouro a divisão em que estava preso, de 6,70 metros por 5,18, até uma linha traçada a 2,75 metros, a altura a que chegava a sua mão, e encher de prata as 2 divisões seguintes; durante meses chegaram peças de diferentes pontos do império, as lâminas que cobriam os muros do templo do sol em Cusco acabaram no mesmo monte, uns 6.000 quilos de ouro além da prata, e os espanhóis fundiram tudo em lingotes para repartir entre si, e em 1533, com o resgate entregue, executaram Atahualpa.

Naqueles fornos perdeu-se o trabalho de gerações de ourives: figuras, vasos e adornos que valiam pelo que representavam ficaram convertidos em barras que valiam pelo que marcava a balança, puramente baseados no seu valor por serem ouro, não pela figura feita em ouro; e a essa transição chamo o quarto conceito, a peça e o lingote: a peça tem um valor que nasce do seu sentido e o lingote tem um preço que nasce da sua quantidade, e o ouro que hoje se negoceia no mundo mede-se em onças e em pureza, sem perguntar o que foi antes de passar pelo fogo, importa exclusivamente que é ouro.

Essa mesma conquista deu forma a uma lenda que devorou expedições inteiras: na lagoa de Guatavita, no altiplano dos muiscas, o novo cacique começava o seu mandato coberto de pó de ouro, saía numa balsa de juncos e mergulhava para se lavar, enquanto para a água se atiravam peças de ouro e pedras preciosas, e desse ritual nasceu El Dorado, o homem coberto de ouro que a ambição dos conquistadores converteu numa cidade de ouro escondida em algum ponto da selva, atrás da qual saíram durante mais de 80 anos expedições como as de Gonzalo Jiménez de Quesada ou Francisco de Orellana, que acabou por descer o Amazonas, até Walter Raleigh, que em 1617 partiu para a Guiana na sua segunda viagem, regressou sem ouro e com o filho morto, e em 1618 foi decapitado em Londres (sempre a busca do mesmo desfecho em tragédia).

A lagoa resistiu aos seus exploradores: para os muiscas, o ouro que caía na água tinha um sentido, o da oferenda no seu absoluto paganismo irracional, e para quem tentou esvaziá-la tinha um preço no sistema monetário, o daquilo que se podia retirar; em 1545 os espanhóis baixaram o seu nível o suficiente para recolher centenas de peças na margem, mas o que imaginavam no fundo ficou fora do seu alcance, e a peça que se associa a essa cerimónia não saiu da água: foi encontrada em 1969 por um camponês numa gruta de Pasca, em Cundinamarca, uma balsa de tumbaga, a liga de ouro e cobre daqueles ourives, com o cacique e a sua comitiva sobre ela, fundida entre 1295 e 1410 e guardada hoje no Museu do Ouro de Bogotá, um objeto que se salvou dos fornos porque passou mais de 5 séculos escondido e obviamente ficou sob titularidade do Estado.

Povos separados por oceanos e por milénios, nas margens do Mar Negro, no vale do Nilo, no império dos incas e nas terras altas dos muiscas, chegaram sem se conhecerem à mesma conclusão: o ouro merecia estar junto do que de mais elevado tinham, os seus reis, os seus mortos e os seus ritos, e essa coincidência fala da origem do seu valor, que cada povo encontrou por sua conta no próprio metal, no seu brilho, na sua escassez e na sua resistência ao tempo. O anseio sem limite cruzou os séculos quase sem mudar de forma: a 24 de

janeiro de 1848 o carpinteiro James Marshall viu escamas de ouro no leito junto à serraria que construía para John Sutter em Coloma, Califórnia, e em poucos anos chegaram mais de 300.000 pessoas; os trabalhadores de Sutter abandonaram os seus postos para procurar ouro, os recém-chegados roubaram-lhe o gado e ocuparam as suas terras; em 1852 Sutter estava na falência e em junho de 1880 faleceu num hotel de Washington, 2 dias depois de o Congresso encerrar as suas sessões sem aprovar a compensação que reclamava: o homem que financiou a serraria onde começou a corrida ao ouro da Califórnia morreu arruinado por ela. E isto é normal, já que, como expliquei, num sistema onde o ouro se torna tão apetecível para cada indivíduo, a competição pelo mesmo pode chegar a um extremo onde se vê mais valor no ouro do que nos outros indivíduos, algo que levará sempre, de uma forma ou de outra, à tragédia o uso financeiro deste metal, que muitos colocam acima da vida, própria ou dos outros.

Em 1886, em Witwatersrand (na atual África do Sul), o prospetor George Harrison deu com o filão principal e, segundo consta, vendeu a sua concessão por 10 libras; sobre essa descoberta nasceu Joanesburgo, e a riqueza dessas minas teve um papel de destaque no eclodir da Segunda Guerra dos Bóeres, que entre 1899 e 1902 opôs o Império Britânico ao Transvaal e ao Estado Livre de Orange; e no Klondike, no norte do Canadá, entre 1896 e 1899 a cena repetiu-se com números ainda mais cruéis: umas 100.000 pessoas tentaram chegar às jazidas, apenas entre 30.000 e 40.000 o conseguiram, não mais de 4.000 encontraram ouro e escassas dezenas enriqueceram (mais uma vez a força irracional como espécie exercida pelo metal que não tem valor real, mas sim mental num sistema económico).

Em todos estes episódios o ouro termina da mesma maneira: Midas não o pôde comer, Creso não o pôde defender, Decébalo não o pôde esconder, Atahualpa não pôde comprar a sua vida com ele e Sutter não pôde conservar as suas terras; o metal sobreviveu a cada um dos seus donos e passou para o seguinte, e essa é a outra face da permanência: aquilo que não se corrompe também não se deixa possuir do todo, dura mais do que quem o tem; portanto, ao ter este valor, faz com que quem o possui seja corrompido pelo ânimo de ter na sua posse algo que não se corrompe.

O quinto conceito é a moeda e a mercadoria: o que circula de mão em mão para pagar o do dia a dia é moeda, e o que pelo seu valor se guarda em vez de gastar é mercadoria; e o ouro, mesmo cunhado, ficou do lado do que se guarda: no mundo romano o áureo, a moeda de ouro, equivalia a 25 denários, as compras correntes pagavam-se com denários e com peças de bronze e o áureo servia para os grandes pagamentos e para tesourar; quanto mais valioso é um metal, menos circula, e por isso acaba por funcionar como mercadoria, com um preço que se expressa na moeda que efetivamente circula.

Durante séculos o ouro foi a medida com que se valorizavam as restantes coisas, e hoje é o que se mede; a moeda que circula entre países agora é o dólar, com ela pagam-se as dívidas e o comércio internacional, e o ouro que se tesoura descansa em lingotes guardados em caixas-fortes e cota-se em dólares por onça troy, uma unidade de 31,1 gramas, de modo que quando se diz que o ouro sube ou desce, o que muda é a quantidade de

dólares que o mercado entrega por cada onça, enquanto a onça conserva tudo o que era, tanto materialmente, como no valor imaginativo que as pessoas depositam nele.

Atrás de cada império que lutou pelo ouro houve pessoas, e o que o metal faz nelas segue uma ordem facilmente reconhecível, e muito mais numa sociedade consumista e de aparências como a de agora, e que começa pelo desejo de o ter para realizar determinadas atividades na sociedade onde esse metal tem valor; isso inclui tanto o estatuto, o que poderia fazer trocando esse ouro por outras coisas, como a posição hierárquica em que o facto de o possuir o deixaria; e o olho não se sacia de ver e compara: a comparação desperta a curiosidade pelo que o outro tem, isso converte-se em desejo de possuir, o que é possuído guarda-se com medo de perder e o que é guardado exibe-se para que outros o vejam.

E a esse último passo, o de querer valer pelo que se traz consigo, chamo o sexto conceito deste documento, a vaidade, o momento em que a pessoa começa a rever-se no ouro: é um conceito imaginativo e degrada-se a um conceito de degradação intelectual humana total, já que, se essa pessoa se valida principalmente por isso (ouro e bens), apenas pode ser felicitada ou seguida por tolos maiores do que ela, que não têm razão e confundem o valor imaginativo com o valor real; de modo que o inteligente, cauteloso e humilde não se deve sentir em absolutamente nada inferior porque alguém leve mais ouro ou riquezas, já que para começar é uma vida falsa, em segundo lugar nem sequer é um uso coerente do metal em termos financeiros, e em terceiro lugar só o podem ver com valor aqueles que são mais ignorantes do que o vaidoso que faz essas coisas.

O desejo, a inveja e a busca de honras tiram a pessoa do mundo, e o ouro reúne as 3 num único objeto: deseja-se porque dá bens, prazeres, comodidade, estatuto, brilha e escasseia; inveja-se porque outro o tem em maior ou menor quantidade, o que faz com que quem o tem não seja o único com esse privilégio; e no anseio de se sentir único desperta, de uma forma ou de outra, o conceito de inveja e exibe-se perante os indivíduos que pertencem ao sistema onde se dá valor ao metal, porque dá honras carregar mais valor do que os outros. A avareza é a parte do processo que retém, a daquele que não larga o que tem mesmo que não o use; a cobiça é a que empurra para o alheio, a daquele que quer o que ainda não é seu; e a ambição sem medida junta as duas, reter tudo e desejar tudo ao mesmo tempo; e a soberba que esse ouro traz é dos poucos traços em que o meio-termo não basta, porque só se corrige indo até ao extremo oposto, o da humildade, onde, se se usar o intelecto, se compreende que não é uma posse real, que não pertence à essência do indivíduo mas sim algo que o usa; portanto, o valor real do mundo real seriam atributos de uma pessoa, e não o exterior de outra matéria do mundo em relação a ela — essa é a razão a superar a imaginação. "Havia alguém tão, mas tão pobre, que só tinha dinheiro".

Rico, segundo uma definição que vem de tempos muito antigos, é aquele que se alegra com o que tem, e por essa medida quem acumula sem se alegrar é pobre com ouro de sobra: quanto mais se tem, mais há que vigiar, mais posses trazem mais preocupações, e a preocupação é a porta pela qual o ouro entra no corpo. O que o ouro produz no corpo deixou-o escrito a própria língua das culturas submetidas a ele, que para falar

dele usa palavras de doença: fome de ouro, sede de ouro, febre do ouro, cegado pelo ouro; os latinos chamaram-lhe *auri sacra fames*, a maldita fome de ouro, e os médicos antigos observavam que as paixões do corpo por aquilo que não pertence a si mesmo o preocupam mais do que a sua própria existência (a não ser que seja um estado terminal, que o faça refletir que sem corpo não tem tudo o que lhe é externo); a preocupação aperta o coração, o medo de perder tira o sono e a ira decompõe-no; o sono do trabalhador humilde e justo é doce, coma pouco ou coma muito, e a abundância do vaidoso não o deixa dormir, e no dia em que perder o que não lhe pertence, menos ainda dormirá.

A tradição romana levou essa sede até ao fim: Marco Licínio Crosso, um dos homens mais ricos de Roma, morreu em 53 antes da nossa era em Carras, numa campanha contra os partas na qual procurava a glória que a sua fortuna não lhe dava, e segundo alguns dos relatos antigos os seus inimigos verteram-lhe ouro fundido na boca, para gozarem com uma sede que não tinha saciado em vida. A exibição também se cobra no valor do metal: em 1324 Mansa Musa, rei do Mali, passou pelo Cairo a caminho de Meca com a sua caravana e distribuiu ouro a cada emir e a cada cargo da corte, e segundo um cronista dessa época o ouro perdeu valor no Egito, o *mithqal*, que valia pelo menos 25 dirhams, caiu para 22 ou menos, e os preços continuavam baixos cerca de 12 anos depois; uma exibição de ouro que ainda hoje se recorda acabou por baratear o próprio metal que exibia, de modo que repito, se todos o têm, o seu valor desmorona-se ou nada vale, só se admite o seu valor num sistema financeiro que faz com que a imaginação dos seus integrantes valorize mais quem o tem do que quem não tem, puramente por isso, e pior ainda, concedem força e direitos sobre tudo o resto a quem o possuir. A vaidade adaptou-se a cada época sem perder o seu fundo: em 2019 roubaram do Palácio de Blenheim, em Inglaterra, uma sanita de ouro de 18 quilates exposta como obra de arte que nunca foi recuperada, em novembro de 2025 a sua gémea, de 101 quilos, foi vendida num leilão em Nova Iorque por 12,1 milhões de dólares, e hoje há restaurantes que cobrem a carne com folhas de ouro comestível, um ouro que o corpo não digere e expulsa tal como entrou; a pessoa paga para comer algo que não alimenta para que a vejam comer, uma absoluta estupidez (com todo o respeito se algum de vós o come); Midas é ao contrário, o que podia comer e escolhe o ouro.

O juro percorreu um caminho semelhante: a palavra vem do latim *interesse*, estar entre, aquilo que importa porque está entre as pessoas; na Idade Média passou a designar a compensação por uma perda e, com o tempo, o que se cobra por emprestar dinheiro; os gregos chamavam a essa cobrança *tókos*, a mesma palavra que usavam para a cria, como se o dinheiro parisse dinheiro; e essa é, na realidade, a forma mais refinada de corrupção, quando a pessoa quer o ouro pelo que ele lhe pode produzir sem trabalho próprio e olha para os outros como um meio para que o seu património cresça, independentemente do que aconteça no fundo para que isso ocorra.

O que a pessoa chega a fazer a outras pessoas pelo ouro completa a anatomia: poderia dar milhares de casos de aberrações que se cometem na atualidade, pela vaidade e pela vontade de obter algo que dá estatuto, mas prefiro focar-me no histórico: na corrida ao ouro da Califórnia a população indígena do território, que já

vinha em declínio, caiu de umas 150.000 pessoas em 1848 para umas 30.000 apenas 12 anos depois, entre deslocamentos, fome e expedições armadas de mineiros com o apoio do governo do estado; e nas expedições em busca de El Dorado, Lope de Aguirre participou no assassinato do chefe da expedição, Pedro de Ursúa, e do seu sucessor, e antes de morrer em 1561 em Barquisimeto, abatido por um dos seus próprios soldados, matou a sua filha Elvira, bastando ao metal estar diante de pessoas que o desejavam — e nem falar das crianças na África, e nem falar das torturas infames que foram feitas a mineiros em todas as partes do mundo por esconderem algo para a sua família. Essa anatomia, na sua raiz geral, não precisa de minas nem de exércitos para funcionar: a mesma sequência de estatuto, olho, comparação, desejo, posse, exibição e fome de mais surge intacta em quem acompanha o preço do ouro num ecrã; o que muda é o cenário e as ferramentas, mas a pessoa continua a ter isso no meio.

Por isso o combate pelo ouro mudou de lugar: procurou-se, enterrou-se e lutou-se para o ter durante mais de 5.000 anos em rios, em minas e em campos de batalha, e na atualidade a maior parte daqueles que negoceiam o preço do ouro nem chega a tocar em 1 grama, disputa o seu preço em dólares a partir de um ecrã, e esse preço é trabalhado pelo sistema financeiro como um todo dentro da dinâmica de mercado, o anseio sem limite que antes movia exércitos hoje conta-se em lotes, liquidações e especulação. "O ouro de Varna continua a brilhar como no dia em que o enterraram, o caixão de Tutancámon saiu intacto do seu túmulo e a balsa de Pasca conserva cada uma das suas figuras, enquanto dos reinos que lutaram por ele restam ruínas e histórias pavorosas, montanhas rebentadas, faunas afetadas, aberrações contra a natureza reduzindo-a a crueldades pelo desejo de homenzinhos vaidosos ao longo da história, e nomes nos livros de todo o tipo desta gente que só fez mal; e quem o olha na atualidade apenas como um preço no ecrã vê a parte do ouro que muda e deixa de ver o pano de fundo daquilo que permanece".

Obrigado por lerem, obrigado pelas reações e em breve virá a parte 2 se vir que tem apoio suficiente.